

Maracatus em moda: de coisas de negros xangozeiros para símbolo da identidade pernambucana

Ivaldo Marciano de França Lima¹ – PPG-UFPE/UFPE

O carnaval vai começar na cidade do Recife. Em todos os bairros da capital pernambucana as pessoas se dirigem para os principais centros da brincadeira. Os que gostam das agremiações ajustam os últimos detalhes de suas fantasias, e aqueles acostumados aos carnavais dos clubes sociais se preparam para brilhar, e curtir um frevo ao som de bandas ou mesmo de gigantescos aparelhos de som. Há também os que não perdem a oportunidade para ir às ruas e se esbaldar ao som dos trios elétricos, durante o Galo da Madrugada, ou com as orquestras de frevo nas ladeiras de Olinda. Recife é a capital do frevo. Os outros ritmos pouco espaço possuem para existirem: os maracatus de orquestra, os caboclinhos, os ursos, os bois e os maracatus-nação são vistos com uma certa tolerância e olhar complacente, pois o dono da festa é o frevo.

Ao amigo leitor, não se espante com o que afirmamos acima, pois se trata de uma visão pessoal do carnaval recifense dos anos 1970 e 1980, já que atualmente há grandes diferenças entre o espaço ocupado pelos maracatus e o frevo de uma maneira geral. Não queremos aqui fugir da idéia de que por trás do frevo, do maracatu, dos caboclinhos há seres humanos e são estes os que fazem os carnavais das cidades, sobretudo as agremiações que ano a ano desfilam nas ruas e passarelas. O que pretendemos nestas linhas é discutir com brevidade, algumas questões postas em torno da ascensão dos maracatus à condição atual no carnaval recifense e as mudanças que se operaram no sentido de transformá-los em algo aceito pela sociedade, sobretudo quando se trata da definição da intitulada identidade pernambucana, ou simplesmente a tão propalada pernambucanidade.

O que estamos afirmando, portanto, é o fato de os maracatus estarem vivendo um momento de ampla aceitação e valorização, algo que contrasta com as décadas

anteriores em que o maior espaço da festa era reservado ao frevo. Os maracatus, tanto os do tipo nação, como os de orquestra vivem uma época em que há Cd's de suas músicas sendo vendidos nas lojas e os seus trajes (sobretudo as golas e os demais acessórios do caboclo de lança) estão expostas à venda nas lojas de fantasias carnavalescas, nos mercados de artesanato e nas ruas de uma maneira geral. Estamos com estas palavras afirmando que os maracatus, antigos primos pobres do carnaval pernambucano, agora ocupam o centro da festa, tendo inclusive o direito de fazer a sua abertura, uma vez que por quatro anos consecutivos os batuqueiros de onze maracatus-nação ocupam, em lugar secundário é verdade, a condição de partícipes da solenidade oficial que marca o início dos festejos de Momo. Assim sendo, estamos fazendo uma constatação: os maracatus estão na moda, legitimados e com muita força enquanto forma de expressão cultural.

Além da abertura oficial do carnaval da cidade, outros aspectos podem ser listados como evidências dessa força a que tanto demos ênfase. Atualmente existem mais de trinta grupos de maracatus-nação filiados a Federação Carnavalesca e pelos menos em torno de vinte que disputaram o concurso de agremiações deste gênero nos oito últimos anos, ao contrário dos anos 1980 em que não desfilavam mais do que sete grupos.² Katarina Real, na obra *O Folclore no Carnaval do Recife*, afirmou que existiam, durante o período de sua pesquisa entre os anos 1961 a 1966, apenas cinco grupos, dos quais dois deixaram de existir.³ Atualmente, afora estes grupos, denominados por alguns estudiosos e folcloristas como tradicionais, há ainda um sem número considerado como estilizados, que reproduzem algumas das partes dos outros maracatus, a exemplo de seus toques, instrumentos e algumas vestes da corte. Diversos Cd's de maracatus foram gravados, entre os quais seis das agremiações tidas como tradicionais.⁴

Não concordamos com o conceito que subdivide os maracatus-nação em dois tipos: tradicionais e estilizados. Esta diferenciação não consegue explicar questões como a longevidade, formas de organização interna e propósitos, além do tão

propalado vínculo com as religiões afro. Preferimos subdividi-los em maracatus-nação, que possuem fortes relações com as religiões, práticas e costumes afro-descendentes, além da inserção em uma comunidade, e grupos de maracatu, formados por jovens, de comunidades diversas, normalmente oriundos das classes médias, aproximando-se em sua caracterização, dos grupos para-folclóricos. No que diz respeito à idéia de tradição, deixamos claro para o leitor que não trabalhamos a visão de que as manifestações populares, suas práticas e costumes são meras reproduções de um passado que se repete, independente do contexto e de seus sentidos para os que os fazem.⁵

O sucesso, entretanto, não se restringe apenas aos maracatus-nação ou de baque virado. Os grupos de orquestra, também conhecidos como maracatu-rural também ganharam as ruas da capital e invadiram as mentes e os corações de consideráveis setores das classes médias. A maior expressão do sucesso alcançado por estas agremiações pode ser atestada na emblemática figura de Mestre Salustiano e o seu maracatu Piaba de Ouro. Após ter gravado vários Cd's, participado de muitos shows no Sul, Sudeste e no exterior, Salustiano é um dos mais bem sucedidos casos de maracatuzeiros. Seu sucesso é reconhecido não só entre os seus pares, mas também nas várias esferas da sociedade pernambucana e é apontado como uma autoridade, uma referência que conhece e domina os segredos do maracatu de orquestra, Cavalo-marinho, forró e outros ritmos. Salustiano também foi por muitos anos o presidente da Associação de Maracatus de Baque Solto, entidade que congrega a maior parte dos maracatus existentes dessa modalidade.⁶ Algo importante que podemos dizer acerca do sucesso dos maracatus de orquestra está relacionado com o fato curioso de duas cidades, localizadas na Mata Norte do estado de Pernambuco, que disputam o título de capital do maracatu: Nazaré da Mata, que afirma ser a “cidade do maracatu” e Aliança, que tem em sua propaganda oficial a alcunha de “capital do maracatu”.

Observe o leitor que até o momento afirmamos o sucesso atual das duas modalidades de maracatus no cenário pernambucano, e discorreremos sobre alguns dos elementos dessa ascensão, restando-nos agora problematizar sobre a questão, colocando uma informação de que nem sempre os maracatus foram bem vistos e aceitos na sociedade. Faz-se necessário, portanto, destacar que nem sempre os maracatus foram vistos como algo agradável, belo ou “motivo de orgulho da pernambucanidade”. Houve um tempo em que os maracatus e os seus batuques eram assim tratados:

(...) Maracatú incomedativo. Moradores da rua Duque de Caxias, freguesia de Santo Antônio, queixam-se de que não puderam dormir durante toda a noite de antehontem para hontem, em virtude de se estar ensaiando com um barulho infernal, no 3º andar de um prédio do lado dos números pares daquela rua um maracatú. Effectivamente o lugar escolhido para os ensaios do tal divertimento, é o mais prejudicial possível; portanto, será bom que a policia obrigue a mudarem-se os incomedativos ensaiadores.⁷

Além desta impressão de que os maracatus eram vistos como “incomodativos”, também há o fato de que nas crônicas ou nas matérias do Jornal do Recife dos anos oitenta do século XIX aos dez do século XX, pouco ou quase nada se falava sobre os mesmos. Para um melhor entendimento desta questão, lembramos que neste período estão ocorrendo fortes debates sobre a identidade que deveria prevalecer no Brasil.⁸ Tudo o que lembrasse negro ou a África, eram ora rejeitado, ora ocultado. Principalmente quando o assunto era carnaval ou festa.⁹ Para uma melhor demonstração desta rejeição, bem como do sistemático combate e repressão que os maracatus vivenciaram nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do XX, indicamos como elucidativa esta representação construída por Ascenso Ferreira:

“(...) Mesmo eu fora criado num ambiente de horror aos maracatus. (...) As velhas lá de casa, austeras escravocratas que atribuíam à libertação dos escravos todas as causas de sua decadência financeira, fechavam as portas mal se iam aproximando as nações de Porto Rico e de Cambinda Velha, cujos préstitos pomposos de veludos, lantejoulas e espelhos reluzentes ao sol, apenas eu contemplava de longe (...) Esse ódio das velhas por tudo que cheirava a negro não era, porém, um exemplo isolado no ambiente do começo do século presente”.¹⁰

Observemos rapidamente uma outra questão importante para entendermos o porquê de nossa omissão dos adjetivos “nação” ou “orquestra” após a palavra

maracatu durante estes parágrafos em que discorremos em torno da rejeição dos mesmos no período citado (fins do século XIX e as quatro primeiras décadas do XX).

Em linhas muito breves, afirmamos que pouco se sabe a respeito de como eram os maracatus do fim do século XIX e das três primeiras décadas do século XX. Praticamente inexistem descrições pormenorizadas dos maracatus neste período, excetuando os olhares de dois folcloristas contemporâneos, Pereira da Costa e Rodrigues de Carvalho.¹¹ No tocante ao primeiro, não sabemos se o seu olhar dava conta de um modelo ou se existiam outras formas ou tipos de maracatus desfilando pelo Recife da época.

Entretanto, em se tratando da categorização amplamente aceita nos dias atuais entre os pesquisadores, qual seja, a divisão dos maracatus em dois tipos, temos plenas convicções de que a mesma foi feita por Guerra Peixe, durante suas pesquisas pelo Recife entre os anos de 1949 a 1952.¹² Até então os maracatus foram estudados por diversos outros pesquisadores, mas o que estamos afirmando é que até Guerra Peixe, não haviam fronteiras definidas e as diferenças entre os maracatus eram tênues o suficiente para que os pesquisadores anteriores, a exemplo de Alceu Maynard, Waldemar Valente, Ovídio Cunha e Renato Almeida não tenham conseguido um consenso sobre os tipos existentes, ora afirmando existirem três modalidades, ora apenas duas.¹³

Ao analisarmos os maracatus com os olhos atuais, podemos afirmar que uma vez tendo sido observada e definida a existência de dois tipos, o de baque virado (ou nação) obteve a sua aceitação antes dos “rurais”, uma vez que foi alçada à condição de parte da tradição africana, componente da teoria do Brasil mestiço, formado pelas três raças. O de orquestra foi considerado como uma deturpação, descaracterização do modelo tradicional (no caso, os de baque virado) e não-autêntico, tendo sido perseguido até os anos 70, quando foi proibido de desfilarem na passarela oficial da cidade durante o carnaval.¹⁴ Uma vez estabelecidas às idéias de que os maracatus de ambas modalidades nem sempre foram aceitos ou bem vistos, passemos então ao

nosso objetivo central, que é o de discutir a mudança da condição de perseguição para a do pertencimento à cultura popular pernambucana e um dos principais ícones da pernambucanidade. Suspeitamos que esta passagem possa ser mais bem entendida se levarmos em conta as atuações do Maracatu Nação Pernambuco e do Movimento Manguê nos anos 1980 e 1990. No tocante ao primeiro, trata-se de um grupo considerado como “estilizado”, formado por muitas pessoas da classe média e que desde os anos oitenta vem atuando sob as idéias de defesa e preservação da cultura popular, bem como de divulgar o maracatu no Brasil e no mundo. Este grupo obteve um sucesso notório, sobretudo nos anos 1990, quando conseguiu gravar pela primeira vez um Cd apenas com músicas de maracatu.

Com relação ao Movimento Manguê, é praticamente visível a influência da banda Chico Science e Nação Zumbi entre os jovens das classes média e até mesmo das elites locais. Este grupo possibilitou a ida de um sem número de jovens que, atraídos pelo som das afayás, passaram a integrar diversos grupos de maracatus existentes na cidade. Atualmente há a discussão em torno do embranquecimento dos batuques dos maracatus mais antigos do Recife, a exemplo do Estrela Brilhante e do Porto Rico, que praticamente não possuem em suas fileiras músicos oriundos de suas comunidades. Esta discussão, entretanto, deve ser mais bem aprofundada, e preferimos não fazê-lo neste artigo devido a exigüidade do espaço. Entretanto, resta-nos informar que se nos anos 1960 existiam apenas cinco maracatus, conforme declarou Katarina Real, hoje existem maracatus em outros estados brasileiros e outros países, como a Alemanha, EUA, Rússia, França, Inglaterra. O Movimento Manguê foi decisivo para esta explosão, sobretudo, pelo fato de que a quase totalidade dos grupos que surgiram no exterior e em outros estados do país são posteriores ao lançamento dos Cd’s “Da lama ao Caos” e Afrociberdelia “ambos da Banda Chico Science e Nação Zumbi. Como exceção para a relação entre a difusão dos maracatus em outros estados e o Movimento Manguê, há o fato de que no Ceará já existiam grupos organizados e ativos, desfilando nos carnavais.¹⁵

Outra questão que merece um aprofundamento diz respeito a Indústria do Turismo: temos aqui boa razão para explicar o interesse de setores das elites locais em apoiar a “cultura local”, uma vez que esta é transformada em objeto de consumo para um importante mercado, no qual a World Music rende bons lucros. A preocupação em adaptar o carnaval e a cultura como um todo ao turismo já se encontrava presentes nos objetivos da Federação Carnavalesca Pernambucana – FCP. Fundada em 1935, sua diretoria era composta por empresários, industriais e membros da elite pernambucana. Não haviam carnavalescos entre os diretores sob o argumento de que a FCP deveria estar acima das disputas e brigas, e que o maior objetivo desta entidade era a organização do carnaval e a sua preservação. A FCP surge com o claro propósito de intervir no formato dos grupos, adequando-os as regras do concurso carnavalesco e homogeneizando-os no sentido de diminuir as diferenças típicas nas agremiações carnavalescas.¹⁶ Assim, estamos afirmando que tanto os maracatus de orquestra, como os de baque virado percorreram um longo caminho, em que estiveram presentes muitos aspectos que intervieram e mediaram essa aceitação.

Sendo outrora considerados como práticas exclusivas dos negros, principalmente dos xangozeiros e catimbozeiros, os maracatus são atualmente um importante símbolo da identidade pernambucana, e este aspecto, qual seja, a inclusão no que se convencionou chamar de pernambucanidade, pode ser entendido como uma desafricanização e embraquecimento de tais práticas. Tornando-as, portanto, palatáveis ao mercado e aos gostos de jovens e adultos de diferentes classes sociais. Os maracatus são hoje, vistos como autêntica cultura pernambucana e poucos são os que conseguem admitir a idéia de que até bem pouco tempo, sobretudo nos anos 1980, eram rejeitados e marginalizados em uma sociedade ávida a consumir, inclusive práticas que outrora pertenciam aos “favelados”.

¹ Professor substituto de História Moderna e mestrando em história pela UFPE.

² Para conferir uma periodização da história dos maracatus-nação, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Periodizando a história dos maracatus*. Folclore, Recife, Fundação Joaquim Nabuco n. 297, 2003.

³ REAL, Katarina. *O folclore no Carnaval do Recife*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco - Ed. Massangana, 1990, 2ª ed. p. 61 e passim.

⁴ Temos notícia de seis maracatus-nação que gravaram seus Cd's: Estrela Brilhante do Recife, Porto Rico do Pina, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Leão Coroado e Estrela Brilhante de Igarassu. Quanto aos de orquestra, há o do Cruzeiro do Forte, Mestre Barachinha, Mestre João Paulo e outros. Também há os que foram gravados por Mestre Salustiano, com a presença de músicos da classe média, como o Siba da banda Mestre Ambrosio. Entretanto, Salustiano gravou Cd's de outros ritmos, a exemplo de cavalo marinho, coco e forró.

⁵ Sobre o conceito de tradição, ver: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo, Brasiliense, 1994. 13ª edição; ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 13ª edição, 1988; CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo, Edusp, 1998, 2ª edição; VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar / UFRJ, 2002, 4ª edição; HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

⁶ Para que não ocorram dúvidas, existem atualmente, grosso modo, dois tipos de maracatus: um que é conhecido como nação ou baque virado, e o outro que chamado por vários termos, dos quais destacamos baque solto, rural, orquestra ou lança.

⁷ *Jornal do Recife*, 10/02/1887, p. 01.

⁸ Sobre as discussões em torno de identidade no Brasil, há esta ótima indicação que nos mostra um pouco de como esta questão foi tratada no período Imperial: SILVA, Eduardo. *Dom Oba II D'África, o príncipe do povo – vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

⁹ *Jornal do Recife*, 24/02/1903. Este jornal pode nos ajudar a entender um pouco sobre como viviam ou eram vistos os maracatus no contexto. A coluna gazetilha notícia “os belos desfiles dos clubs” que trouxeram suas saudações, e que desfilaram com “bastante animação”, bem como mostra o destaque desses na sociedade da época. Porém, no que diz respeito aos maracatus, não há uma linha sequer. Os maracatus estão restritos neste jornal às listas de licença concedidas pela polícia para os desfiles carnavalescos. Este jornal é o reflexo de um Brasil que desejava caminhar a passos largos para uma “europeização” ou branqueamento. Tal ausência de notícias sobre os maracatus também pode ser conferida no *Jornal do Recife* de 25/06/1906. Há nas páginas desse jornal diversas notícias sobre as visitas que alguns clubes fizeram na sua sede assim como reportagens sobre os itinerários dos desfiles que vão acontecer nos dias de carnaval e comentários a respeito dos que já aconteceram. O jornal nos dá uma impressão de que o carnaval da época era feito sem a presença dos maracatus. Impressão semelhante pode ser encontrada no *Jornal do Recife* dos dias 06 ao 17/02/1909. A ausência dos maracatus é inversamente proporcional a dos denominados “clubs”. Também no *Jornal do Recife* de 1914, mais precisamente no dia 21/02 a ausência dos maracatus é perceptível.

¹⁰ FERREIRA, Ascenso. O maracatu. In: MAIOR, Mário Souto e VALENTE, Waldemar. (org.) *Antologia Pernambucana de folclore*. Recife. Ed. Massangana, 1988, p. 34. Sobre os maracatus e a sua rejeição na sociedade, veja-se também: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*. Recife, monografia de Bacharelado em História na UFPE, 2003. Sobre a discussão em torno do branqueamento e da identidade nacional, veja-se SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

¹¹ A primeira descrição pode ser encontrada em: COSTA, Pereira da. Folclore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco, in: *Revista do instituto histórico e geográfico brasileiro*, tomo LXX, Rio de Janeiro, 1908, p. 207; e a segunda em: CARVALHO, Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. Parahyba do Norte, Typ. da Livraria São Paulo, 1928, 2ª ed. aumentada, p.23.

¹² PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1980, 2ª edição.

¹³ Sobre este assunto, veja-se GUILLEN, Isabel. *Mediações culturais: os maracatus-nação nas obras dos modernistas em Pernambuco*; LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Tradição e autenticidade entre os maracatus-nação do Recife: desconstruindo uma idéia e um olhar homogeneizador*. Ambos trabalhos foram apresentados no *XI Encontro Estadual de História – Anpuh-PB*, Campina Grande, 12 a 16 de julho de 2004. Sobre os estudos anteriores a Guerra Peixe, veja-se: CUNHA, Ovídio. *Ursos e maracatus. Contraponto*, ano II, nº 07, março de 1948, páginas não numeradas; ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional. Danças, recreação, música*. Vol II, São Paulo, Melhoramentos, 1967, 2ª ed; ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Comp. Editores, 1942, 2ª edição aumentada.

¹⁴ Sobre a discussão em torno da proibição do desfile dos maracatus de orquestra nas ruas do Recife e na passarela oficial, veja-se: MALHEIROS, Artur. *Maracatu autêntico. Diário da Noite*, Recife, 12/02/1976, 1º caderno, p. 04; MALHEIROS, Artur. *Maracatu autêntico. Diário da Noite*, Recife, 13/02/1976, 1º caderno, p. 04; *Diário da Noite*, Recife, 16/02/1976, p. 03; *Diário da Noite*, Recife, 17/02/1976, 2º caderno, p. 01; Nota oficial da Prefeitura da Cidade do Recife – Empresa Metropolitana de Turismo EMETUR apud *Jornal do Comercio*, Recife, 20/02/1976, 2º caderno, p. 11; *Jornal do Comercio*, Recife, 22/02/1976, 2º caderno, p. 05.

¹⁵ Sobre os maracatus cearenses, veja-se: SILVA, Ana Cláudia. *Vamos maracatucá!!! – um estudo sobre os maracatus cearenses*. Recife, dissertação de mestrado em antropologia, UFPE, 2004.

¹⁶ Para conferir as preocupações da FCP com o turismo, Veja-se, *Jornal do Recife*, 05/02/1935, p. 04 *Jornal do Recife*, 08/02/1935, p. 04; *Jornal do Recife*, 09/02/1935, p. 04.